



## PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: EXERCITANDO OLHARES PARA O PATRIMÔNIO<sup>1</sup>

Ilza Carla Favaro de Lima<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho busca expor algumas das experiências vivenciadas durante o desenvolvimento do Projeto de Educação Patrimonial da UHE Belo Monte, obra em construção desde 2010, no Rio Xingu - Pará - Brasil. As ações propostas no âmbito deste projeto ocorreram durante aproximadamente dois anos e estão em fase de finalização. Tiveram como foco os funcionários do empreendimento, o público escolar e a comunidade geral dos cinco municípios da Área de Influência Direta do empreendimento: Altamira, Anapu, Brasil Novo, Vitória do Xingu e Senador José Porfírio. Trabalhar com o tema da arqueologia, dentro de uma abordagem ampla do patrimônio cultural, foi uma preocupação presente nas ações do Projeto, além de colocar os sujeitos da região e sua visão de patrimônio, em evidência. A diversidade cultural brasileira e as trocas entre mediadores/participantes do Sul, Sudeste e Norte do país foram o que mais impulsionaram e nutriram o conhecimento construído e apreendido.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural. Educação Patrimonial. Diversidade Cultural. Licenciamento Ambiental. Arqueologia Preventiva.

Ações educativas dedicadas ao patrimônio cultural no Brasil são as mais variadas, podem valer-se de bens naturais, acervos documentais, arquitetura ferroviária, cultura material, lugares, festejos, entre os diversos patrimônios existentes. Um grande número de projetos têm se desenvolvido no contexto da chamada arqueologia de contrato, dentro dos processos de licenciamento ambiental, tendo em vista legislações que criaram a obrigatoriedade de estudos de impacto ambiental.

---

<sup>1</sup> Experiências vivenciadas no âmbito do Projeto de Educação Patrimonial/Programa de Arqueologia Preventiva do PBA da UHE Belo Monte, executado pela Scientia Consultoria Científica. Coordenação Geral: Solange Caldarelli e Maria do Carmo M. M. dos Santos; Responsáveis: Ilza Carla Lima e Patricia Hackbart; Equipe: Elinelma Pereira do Nascimento, Fernanda Micoski da Costa, Luisa Lacerda Maciel e Tiago Graf.

<sup>2</sup> Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPel. Licenciada em História – IPA Metodista. E-mail: ilzacaralima@yahoo.com.br

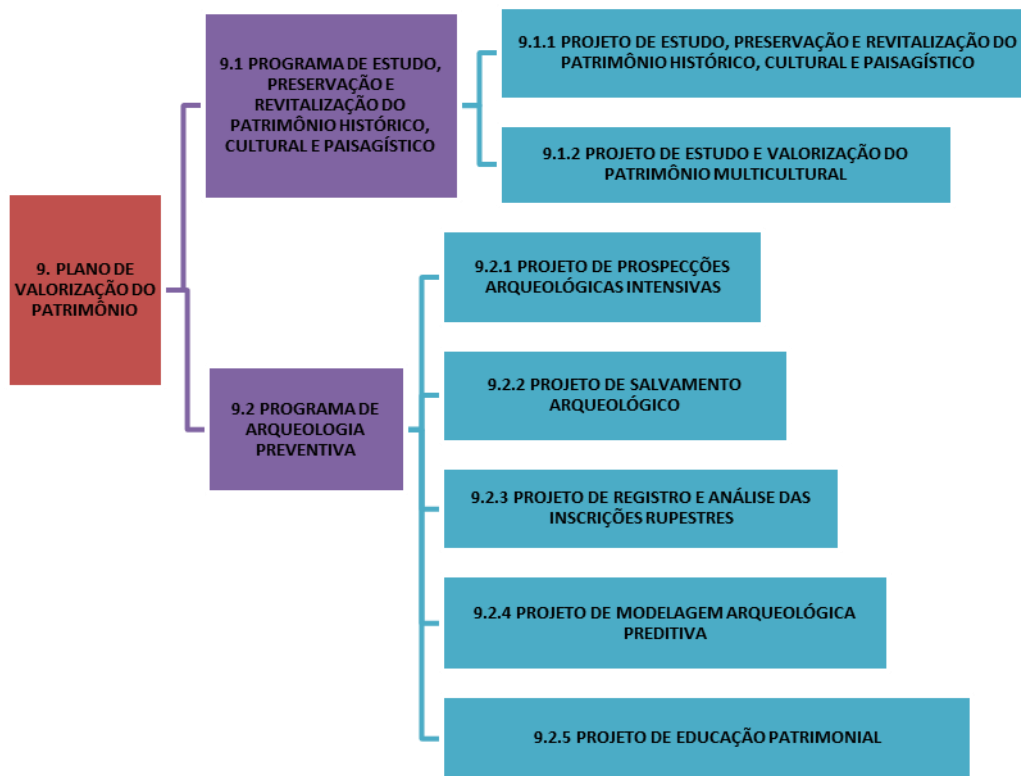
A partir desta realidade desenvolveu-se o Projeto de Educação Patrimonial da UHE Belo Monte. Diversas atividades foram desenvolvidas no decorrer deste trabalho e, neste espaço, serão compartilhadas algumas delas, elaboradas especialmente com a comunidade em questão. O propósito é colaborar com as discussões e reflexões sobre as práticas no âmbito da educação patrimonial brasileira, tendo em vista que as atuais ações não se restringem ao passo a passo, já ultrapassado, do Guia publicado em 1999.

## **UHE Belo Monte**

Os primeiros estudos sobre a viabilidade da construção de uma usina na bacia do Rio Xingu datam da década de 1970. Ao longo de todos esses anos de pesquisa e debate, os projetos foram se reestruturando a partir de discussões sobre a engenharia e as questões socioambientais, sob o efeito de diversos embates entre políticos, empresários, grupos da sociedade civil organizada e, ainda, intervenções judiciais. No ano de 2010 foi emitida a primeira licença ambiental, a Licença Prévia (LP), para o início da obra da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, localizada na Volta Grande do Rio Xingu, entre os municípios de Altamira e Vitória do Xingu, no estado do Pará.

De acordo com as normas atuais do licenciamento ambiental no Brasil, a partir da LP, o empreendedor assume um compromisso com a sociedade e os órgãos reguladores, IBAMA e IPHAN, entre outros. Através de um documento técnico, denominado Plano Básico Ambiental (PBA), são especificados os Planos, Programas e Projetos que devem ser executados - medidas mitigatórias, compensatórias ou potencializadoras apresentadas nos programas ambientais propostos no Estudo e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA).

Especificamente com relação ao Patrimônio Cultural, no PBA da UHE Belo Monte, fora apresentado o Plano de Valorização do Patrimônio, composto por dois programas e sete projetos, conforme esquema a seguir.



**Figura 1: Programas e Projetos previstos no Plano 9 do PBA da UHE Belo Monte.**

Os principais objetivos estabelecidos pelos programas foram:

- Promover a identificação, o inventário, a documentação, o registro, a difusão, a vigilância, o tombamento, a conservação, a preservação, a devolução, o uso e a revitalização do patrimônio cultural.
- Contribuir para a preservação da diversidade étnica e cultural do País e para a disseminação de informações sobre o patrimônio cultural brasileiro a todos os segmentos da sociedade.
- Evitar que o empreendimento destrua bens constituintes do patrimônio arqueológico nacional numa região estratégica para o conhecimento da história pré-colonial da Amazônia.
- Sensibilizar as comunidades situadas no entorno do empreendimento e os profissionais ligados à sua implantação sobre a importância de preservar os bens culturais regionais e estimular atitudes de proteção ao patrimônio arqueológico e cultural.

## **Projeto de Educação Patrimonial**

O Projeto de Educação Patrimonial da UHE Belo Monte foi desenvolvido entre os anos de 2012 e 2014. Teve como foco os funcionários envolvidos com o empreendimento (ações de Treinamento Patrimonial), o público escolar e a comunidade em geral, dos cinco municípios da Área de Influência Direta (AID) do empreendimento: Altamira, Anapu, Brasil Novo, Vitória do Xingu e Senador José Porfírio.

As ações buscaram atender as demandas apresentadas pelos órgãos e documentos de ingerência sobre o licenciamento ambiental, bem como as do público em questão, apreendidas nos primeiros contatos e nas discussões e avaliações realizadas ao longo do processo. O planejamento e execução das atividades preconizaram o diálogo com a comunidade e com os participantes das ações educativas, no sentido sugerido por Florêncio (2014, p. 20), priorizando:

(...) a construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes institucionais e sociais e pela participação das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais. Nesse processo, as iniciativas educativas devem ser encaradas como um recurso fundamental para a valorização da diversidade cultural e para o fortalecimento da identidade local, fazendo uso de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem construídas coletivamente.

O desenvolvimento das atividades em etapas foi fundamental para atingir os objetivos propostos, permitiu o conhecimento mais aprofundado da realidade local e dos segmentos sociais que viriam a ser objeto das ações educativas. Além disso, possibilitou a integração entre as ações que envolveram o patrimônio arqueológico, aquelas relativas ao inventário do patrimônio histórico-cultural da área – patrimônio natural culturalmente apropriado, movimentos culturais, festejos tradicionais etc. – e aquelas referentes aos estudos da cultura material e imaterial dos povos indígenas e das populações ribeirinhas.

Essa integração foi possível dada à colaboração de outro programa do PBA da UHE Belo Monte, denominado “Estudo, preservação, revitalização e valorização do patrimônio histórico, paisagístico e cultural”, responsável pelo inventário e organização de um acervo riquíssimo, que foi disponibilizado para a equipe responsável pelas ações de educação patrimonial.

Apesar das recentes discussões e normas regulamentadoras a respeito do licenciamento ambiental, dos projetos de pesquisa e educação para o patrimônio estarem em discussão e até em conflito (Portaria Iphan nº 230, de 17 de dezembro de 2002; Portaria Interministerial nº 419, de 26 de outubro de 2011 e Instrução Normativa Iphan nº 01 de 2014<sup>3</sup>), a execução deste trabalho esteve em consonância com a referida portaria 419, pois buscou propor ações educativas contemplando todos os bens de interesse cultural indicado nos diagnósticos. A proposição de atividades com enfoque no patrimônio cultural de uma forma ampla, não restrita apenas as pesquisas arqueológicas despertou e aproximou o público à imensidão de que trata o patrimônio e a cultura brasileira e, favoreceu a reflexão sobre a importância da arqueologia e das políticas culturais no nosso país.

### **Patrimônio em Foco**

No contexto de aplicação deste projeto, é impossível não atentar-se para presença do Rio Xingu, da Floresta Amazônica, e para os processos históricos que se desenvolveram ali, ainda com reflexos na sociedade atual, como os projetos de colonização do INCRA e das cooperativas de colonização na Amazônia e a construção da estrada Transamazônica. Considerando a forte relação existente entre a comunidade, o Rio e a Floresta, foi importante refletir sobre como a interferência do homem altera o ambiente natural e impregna significados a ele, para estimular o debate.

A abordagem sobre o meio ambiente é ampla, não se restringe ao meio natural, mas contempla as intervenções do homem no meio que o circunda:

O meio ambiente, entendido em toda a sua plenitude e de um ponto de vista humanista, compreende a natureza e as modificações que nela vem introduzindo o ser humano. Assim, o meio ambiente é composto pela terra, a água, o ar, a flora e a fauna, as edificações, as obras de arte e os elementos subjetivos e evocativos, como a beleza da paisagem ou a lembrança do passado, inscrições, marcos ou sinais de fatos naturais ou da passagem de seres humanos. Desta forma, para compreender o meio ambiente é tão importante a montanha, como a evocação mística que dela faça um povo (SOUZA FILHO, 1999, p. 21).

A partir desta orientação, encaminharam-se algumas das discussões sobre cultura, que, de forma geral, imprime a forma como ocorre tal intervenção humana em

---

<sup>3</sup> Em estudo, ainda não publicada.

seu contexto natural. O conceito de Cultura, que é extremamente amplo e discutível, aqui está considerado como aquele que “inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante” (LARAIA, 2008, p. 85).

Um dos materiais elaborados pela equipe do Projeto de Educação Patrimonial da UHE Belo Monte, intitulado “Patrimônio em Foco”, trata-se de um kit de fotografias para o desenvolvimento de exposições e outras atividades, constituído por 36 imagens e um encarte com textos relacionados, dicas de exposição, conservação e atividades.

A proposta do “Patrimônio em Foco” é a partir da coletânea dos registros visuais da região do Xingu, lançar um olhar sensível para o patrimônio cultural regional. As imagens versam, de forma literal e aparente, sobre a fluidez do rio, a imensidão verde das florestas e as relações culturais que o homem estabelece com a natureza. Desta forma, os registros permitem a apreciação da beleza do patrimônio paisagístico característico desta parte da Amazônia e podem promover o pensamento crítico sobre a história deste local. Já o teor simbólico das fotografias trata da fluidez da cultura daqueles que povoaram ou povoam a região e se relacionam com estes recursos naturais. A comparação da fluidez da cultura como um rio em movimento incita a reflexão sobre a mobilidade e o dinamismo desta dita cultura, que acompanha – ao mesmo tempo em que impulsiona – transformações históricas, sociais, políticas e ambientais de determinados lugares (SCIENTIA, 2014, p.23).

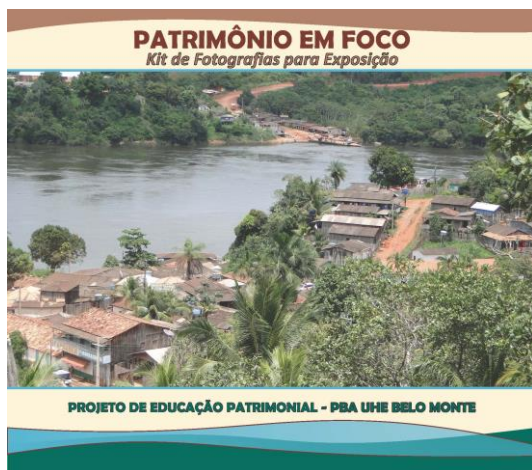
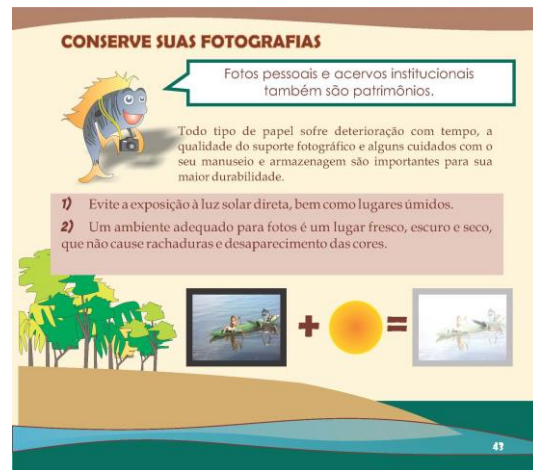
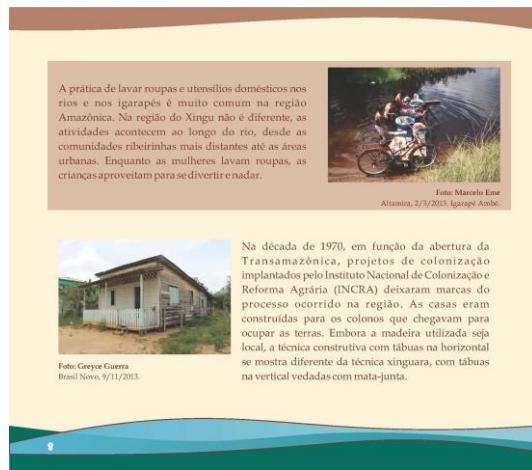


Figura 2 e Figura 3: Capa e ficha técnica “Patrimônio em Foco”.



**Figura 4 e Figura 5: Imagens disponibilizadas, textos e dicas de conservação.**

A ideia inicial era montar uma exposição fotográfica a partir das imagens produzidas pelas pesquisas do Plano de Valorização do Patrimônio. No entanto, considerando a comunidade escolar como principal público focal e, os professores como multiplicadores das ações de educação patrimonial, optou-se por fornecer as imagens para que as exposições e outras atividades pudessem ser pensadas e elaboradas a partir do olhar e da criatividade dos próprios grupos escolares.

Foi preciso realizar um recorte temático para dar um direcionamento ao material fotográfico que seria fornecido, tal definição auxiliou na condução da pesquisa no acervo fotográfico, composto por cerca de 20 mil imagens<sup>4</sup>. O recorte estabelecido, “a relação do homem com o rio e com a floresta”, permitiu a seleção de diversas imagens sobre a região amazônica, cujos recursos naturais permitem abordagens multidisciplinares e uma reflexão sobre as relações mencionadas. Outro critério para seleção foi que o conjunto das imagens contemplasse os cinco municípios da AID.

No pouco tempo disponível para organização e realização de todas as ações previstas, a elaboração do material se deu em tempo recorde e, considera-se que tem seu valor maior na autonomia que foi dedicada aos profissionais da região para explorar o patrimônio cultural local através das imagens, considerando toda gama de possibilidades que fotografias oferecem, além de aproximá-los do acervo que futuramente será disponibilizado por completo.

<sup>4</sup> O referido acervo contém, além das quase 20 mil fotografias; mais de 250 gravações com entrevistas de histórias de vida, registros do patrimônio edificado, paisagístico, celebrações e ofícios; além documentos históricos reunidos através de pesquisas em diversos arquivos. Todo este material será disponibilizado para a comunidade através de duas casas de memória regionais que serão construídas na região da pesquisa.

A fotografia é plural e suas abordagens são igualmente múltiplas. Do simples inventário cronológico de fotografos ou de estilos de fotografar pode-se passar a digressões muito complexas, de inspiração teórica. Para além do discurso estético que, no mundo da fotografia, tende a privilegiar toda a manifestação de caráter criativo e a se interessar por todas as formas e sua evolução, ligando-a a diferentes tradições visuais, uma sociologia da fotografia repousa sobre o estudo dos diferentes contextos (históricos, sociais, econômicos) da fotografia; quanto à semiologia, ela permite encarar a fotografia como mensagem, desmontando seu processo de comunicação e os códigos aí investidos (DEL PRIORE, 2005, p.28).

Tendo em vista esse caráter da fotografia como testemunha única e totalmente própria, considerando ainda outra ponderação, na qual Mary Del Priore afirma que:

como toda a forma de arte e de literatura, como todo o texto, a imagem fotográfica só existe plenamente se for investida por um leitor que lhe dê uma interpretação, operando desta maneira, uma *re-criação*, uma *re-escritura*. Tal valor agregado é igualmente tributário de um contexto no qual a fotografia é olhada e lida. Uma mudança de contexto equivale a uma mudança de interpretação e de leitura (2005, p.28).

Buscamos uma atividade que nos colocasse lado a lado com nossos interlocutores, para que eles nos mostrassem para onde olhar, para que eles nos mostrassem como eles se veem. Fomos todos para trás das câmeras.

### **Oficina de Registro e Promoção do Patrimônio Cultural**

A proposta desta Oficina foi elaborada a partir de uma demanda da própria comunidade, após a realização de ações que provocaram o olhar para o patrimônio local, durante os momentos de avaliação, algumas pessoas demonstraram interesse em saber mais sobre como registrar e preservar o patrimônio cultural. Desta forma, buscou-se formular uma atividade com espaço para discussão, com a construção de subsídios que embasassem a atuação da comunidade junto aos bens culturais da região.

Um dos objetivos foi de que os participantes se tornassem agentes culturais locais atuantes, que contribuíssem – com os próprios equipamentos que dispunham e as ferramentas gratuitas disponíveis na Internet – para promoção do patrimônio cultural local. A proposta buscou fortalecer os vínculos das comunidades – provocando o olhar e a interação – com o seu Patrimônio, fazendo uso de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem construídas coletivamente.



A Oficina foi realizada entre abril e maio de 2014 nos cinco municípios da AID da UHE Belo Monte, com duração de dois dias (um teórico e outro prático), totalizando carga horária de dezesseis horas e, com disponibilidade de 30 vagas em cada cidade. Como sequência da proposta, foram organizadas exposições com fotos realizadas durante as práticas.

O programa metodológico da Oficina – tendo em vista o foco no registro fotográfico – procurou traduzir três matérias: Produção; Direção e Fotografia, essenciais no campo da produção audiovisual em pesquisas sobre o patrimônio cultural. A fim de sensibilizar para a discussão sobre patrimônio, considerou-se fundamental problematizar este tema. No entanto, não se fez necessário apresentar definições teóricas prontas, este conceito foi se evidenciando naturalmente ao longo das discussões. O objetivo principal foi criar um ambiente em que os participantes refletissem e apontassem o que consideram importante na esfera cultural de suas cidades.

O debate tratou das possibilidades de seleção, registro e promoção do patrimônio, em formato participativo, com trocas de informações entre os participantes, atividades práticas e dinâmicas para fixação dos conhecimentos. A proposta partiu da realidade local, utilizando equipamentos dos próprios participantes (suas próprias câmeras fotográficas e aparelhos celulares). Todo roteiro para realização das práticas (2º dia da oficina) foi sugerido, debatido e viabilizado a partir do que foi decidido pelo grupo de participantes.

Todas as etapas (produção, direção e fotografia) foram exercitadas e organizadas de forma aberta, sendo cada ação logística deliberada com o grupo. Os desafios para realização do registro (trabalho de campo) foram descobertos e resolvidos pelos próprios participantes, apesar da equipe já ter se certificado dos detalhes básicos para realização da ação. Gradativamente, os sujeitos assumiram posicionamento e papéis para desenvolver as práticas e, como pano de fundo, surgia ou crescia o interesse e sentimento de valorização do patrimônio e da história da região.

Tendo em vista que a atividade não se tratava de um curso de fotografia, uma das preocupações iniciais dos organizadores foi afastar a ideia pré-concebida de cursos para fotógrafos que priorizam o aprendizado e melhor utilização dos equipamentos fotográficos. O intuito foi trabalhar a ideia de que “a fotografia nasce da máquina

fotográfica para trás”, ou seja, nasce na percepção de mundo que o fotógrafo trás consigo. Nesse sentido, abordamos estruturalmente a questão do olhar como elemento catalizador para um bom registro fotográfico. Algumas discussões teóricas e conceituais trataram de questões como “enquadramento”, “momento ideal”, “planos narrativos” e as diferenças entre “registro documental” e suas variantes.

Para além da sensibilização para o patrimônio, do olhar crítico e, quiçá da atuação efetiva em momentos e situações que tratem do tema, a Oficina realizada criou situações de aprendizagem, construção de conhecimento e inclusão muito gratificantes. Uma das participantes, Dona Nelcina, por exemplo, relatou que nunca na sua vida tinha feito uma fotografia. Ela pegou emprestado o celular de um dos filhos para usar nas atividades práticas e, demonstrou satisfação em estar participando de todas as etapas do curso. Durante o encerramento, mostrava com orgulho as fotos que tinha feito.



**Foto 1: Dona Nelcina e demais participantes da Oficina conversando e fotografando uma das pioneiras do município de Anapu.**

### Exposições

Após o desenvolvimento desta ação, em cada uma das cidades, formou-se um grupo de Agentes Culturais que poderá dar seguimento a proposta com a estruturação de outras atividades formativas, como práticas de registro e ações de promoção do patrimônio local. Um conjunto de fotografias de cada grupo foi selecionado para realização de uma exposição.

Cada um dos cinco grupos de Agentes Culturais formados pelas oficinas teve uma exposição com vinte fotografias montada em um espaço público, associada a outras atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto de Educação Patrimonial, realizada em cada um dos municípios correspondentes.

A exposição foi organizada para ocorrer junto a um Encontro formativo com professores, de forma a ser apreciada no momento do coquetel de encerramento. A proposta foi de que os próprios artistas que produziram as fotos estivessem presentes neste dia, compartilhando como se deu a experiência da Oficina e, esclarecendo seus critérios de seleção e registro do patrimônio local, criando novamente um espaço de discussão sobre esse olhar.

A expografia foi pensada a partir de uma rede de pesca para afixar as fotografias, tendo em vista a relação local estabelecida com a pesca e o efeito estético propiciado pela rede. Também foram consideradas as possibilidades de adaptação da proposta de acordo com o espaço disponível em cada município. Após o encerramento deste evento, as fotografias impressas ficaram de posse de cada grupo, para que em outras oportunidades, possam utilizá-las novamente.



**Foto 2: Exposição das fotos dos Agentes Culturais de Senador José Porfírio, ao fundo o Rio Xingu.**

A atividade, associada ao evento mencionado, garantiu um público atento de professores, que pode prestigiar o trabalho dos artistas/fotógrafos e contribuir para momentos de debate. A utilização de espaços públicos também possibilitou que

transeuntes pudessem conhecer estas imagens, um grupo de idosos que praticava exercícios físicos na praça, por exemplo, foi convidado a prestigiar a exposição e o coquetel. Os oficinairos que compareceram à exposição puderam compartilhar suas experiências com o público, muitos aproveitaram a ocasião para fazer novos registros a partir do evento e entre si, o que mostrou laços de afetividade que permitirão o fortalecimento do grupo e, talvez até a iniciativa de novas atividades.

Após a realização da exposição organizada pelo Projeto de Educação Patrimonial, as fotografias impressas foram entregues a um representante de cada grupo. Os grupos passaram, portanto, a ter autonomia para organizar novas exposições com este material, ou com os demais, produzidos durante a atividade, e que foram compartilhados em formato digital. No município de Anapu, inclusive, uma das fotos produzidas durante as práticas da Oficina foi utilizada no material de divulgação (cartazes e camisetas) da 9ª Romaria da Floresta<sup>5</sup>, que ocorreu entre os dias 17 e 20 de julho de 2014.

A exposição também foi realizada em formato virtual, na rede social do *Facebook*.

### Redes Sociais

Para esta atividade optou-se em utilizar uma ferramenta nova no projeto, foi criada uma *Fanpage* – que pode ser acessada através da rede social *Facebook*<sup>6</sup> – para divulgação e comunicação com a comunidade. Tendo em vista as redes sociais atualmente serem utilizadas pela maioria das pessoas, quando não diretamente, através de familiares (filhos, sobrinhos, netos etc.), optou-se por este veículo para divulgação das informações prévias da atividade, datas e locais de realização, cartazes elaborados para cada município, bem como as informações posteriores (pós-produção) de promoção da atividade e do Patrimônio Cultural da região, com as imagens de *making of* das atividades práticas e as fotos selecionadas para exposição de cada grupo de Agentes Culturais.

---

<sup>5</sup> Evento organizado anualmente em memória a missionária Irmã Dorothy Stang, assinada em 12 de fevereiro de 2005, município de Anapu, sudoeste paraense.

<sup>6</sup> *Fanpage*: <https://www.facebook.com/oficinaderegistroepromocaodopatrimoniocultural>

Essa abordagem buscou integrar e conectar as pessoas da região, interessadas neste tema em especial, além de demonstrar possibilidades que as redes sociais, sites e blogs oferecem para promoção de fotografias e do patrimônio em geral. Cada grupo de Agentes Culturais formado através da Oficina foi instigado a criar um perfil próprio para interagir com a *Fanpage*.

A página foi criada como espaço ágil de troca de informações e iniciativas (além de ter um caráter didático), com o dinamismo e visibilidade que tal rede de relacionamento proporciona. Ainda nesta lógica de interatividade de caráter pedagógico, foi criado um site no Wix.com (plataforma online de criação e edição de sites gratuita), exemplificando que todas as pessoas podem ter um espaço na Internet, com uma estética profissional, que é fácil de manusear e, principalmente, gratuito. Um dos efeitos almejados seria que alguns participantes tomassem a iniciativa de montar seus próprios sites no Wix, ou algo semelhante, o que levaria, inclusive, a uma ampliação das discussões sobre inclusão digital. Esta expectativa extrapola os prazos e objetivos formais do projeto, no entanto, permite o encaminhamento de outras propostas na região. Há que se considerar que projetos de educação patrimonial são ainda mais ricos quando não se encerram em si mesmos, e sim quando deixam portas abertas e caminhos para serem desbravados.

Após a realização da exposição mencionada anteriormente, as fotos selecionadas foram utilizadas para uma exposição virtual através da *Fanpage* da Oficina, com uma postagem para cada município que pode ser visualizada através da rede. Estas ações buscam manter o contato e o envolvimento dos participantes com a proposta, para que a partir desta experiência possam usufruir dos conhecimentos adquiridos e das imagens produzidas de diferentes maneiras. Outras postagens também tiveram esse propósito, como dicas sobre eventos, concursos, sites etc. relacionados com fotografia e/ou patrimônio cultural.

## **O Exercício do olhar**

Tem sido interessante perceber a movimentação nas redes sociais entre os participantes das atividades. A utilização da Internet para contato com público do projeto, inicialmente, parecia ser uma ideia muito distante da realidade local, tendo em vista a carência constante de acesso, e até de eletricidade, que ocorre na região. No entanto, esse recurso se mostrou muito positivo para a comunicação efetiva e até mesmo

continua. É inegável a força que as redes sociais têm hoje no mundo, todos estão “de olho” e, no Brasil, mesmo com a desigualdade presente na inclusão digital, as mais diversas pessoas estão conectadas.

Algumas postagens, por vezes de caráter formal, outras com tom mais pessoal e descontraído, expressam sentimento, reflexão e valorização sobre o patrimônio local em questão. Algumas fotografias compartilhadas demonstram um olhar sensível a lugares, edificações, pessoas, paisagens, entre outros. Um exemplo foi a publicação feita por um dos grupos de Agentes Culturais, na qual foi exposta a imagem de uma casa em ruínas, destacando seu valor memorável para sujeitos que ali se relacionaram. Posteriormente foi constatado que a edificação havia sido demolida, o que gerou debate na rede. Em outro momento, uma bela foto foi compartilhada, enquadrando comércio e comerciante local, com a legenda “Parte histórica do Patrimônio Cultural Altamirense”.

As atividades do projeto basearam-se constantemente na diversidade cultural brasileira, recorrendo aos patrimônios locais mesclados às referências trazidas pela equipe, composta por integrantes do sul, sudeste e norte do país. Este fato contribuiu para as trocas entre os mediadores e participantes, tornando as experiências e o conhecimento construído e apreendido extremamente rico. Tendo em vista que as pessoas constituem esse Mosaico Cultural, considera-se importante a valorização das histórias de vida e memória coletiva desses grupos.

O princípio que orientou tais ações foi o de apreender e aprender com os moradores sobre o patrimônio daquela região. Uma preocupação constante da equipe, portanto, foi de reconhecer o seu papel de agente externo, formulando espaços e situações para ouvir, buscando na comunidade o direcionamento das ações, a revisão e adaptação, destas. Mesmo atendendo as exigências do Projeto, buscou-se trazer para a educação patrimonial, a lógica de Freire, de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si”, ou seja, aprendemos todos. Desta forma se construíram os diversos olhares para o patrimônio local.

## **Referências**

DEL PRIORE, Mary. Os registros da memória: a fotografia como objeto de memória. In: **Memória, Patrimônio e Identidade**. Brasília: Ministério da Educação, boletim 04, 2005. Disponível em:

<http://salto.acerp.org.br/fotos/salto/series/145632MemoriaPatriIdent.pdf>, acesso em: 20/10/2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 22. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SCIENTIA, Consultoria Científica. **Arqueologia Preventiva nas áreas de intervenção do Complexo Hidrelétrico de Belo Monte, Rio Xingu/ PA**. Processo IPHAN nº 01492.0002236/2010-02. Portarias IPHAN nº 22, de 24/08/2010 e nº 32, de 09/11/2012. Projeto. São Paulo, 2010.

SCIENTIA, Consultoria Científica. **Patrimônio em Foco**. Kit de fotografias para exposição. Projeto de Educação Patrimonial: PBA UHE Belo Monte. 2014.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés. **Bens culturais e proteção jurídica**. 2. ed. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1999.